



# A TRAÇA

*Boletim do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação (2ª ed.)*



*Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) - Sede do Projeto (UFPR/Campus Rebouças, sala 33)*

## Apresentação

Neste boletim, o tema é cultura material escolar. Dentro deste conceito, são abrangidas diferentes fontes históricas, cada uma permitindo acessar uma parte do que foi aquela realidade no passado, de práticas, de usos e de materiais diversos que perpassaram o ambiente escolar.

Em nossos acervos particulares, podemos ter, guardados, fragmentos dessa cultura, da parte de que participamos, por meio de nossa trajetória escolar. Mas, a grande maioria dessas fontes, com certeza foi descartada, seja pela efemeridade delas no uso escolar, seja por falta de espaço, seja por não lhes atribuirmos nenhum significado histórico ou afetivo.

Por meio deste boletim, convidamos a que busquem observar isso, e refletirem o quanto podemos apreender a partir dessas fontes.

### NESTE NÚMERO

CULTURA MATERIAL  
E CULTURA ESCOLAR

CULTURA MATERIAL  
ESCOLAR

DIMENSÕES  
ANALÍTICAS

INDICADORES  
METODOLÓGICOS

# Divulgação

## Falando em Cultura Material Escolar:

Os Museus Pedagógicos podem nos oferecer um contato direto e lúdico com a cultura material da escola. Na sequência, dois links para visitas virtuais a dois belos espaços de preservação da história da escola: O Museu Pedagógico José Pedro Varela, no Uruguai e o Museu Pedagógico da Facultad de Ciencias de La Educación de la Universidad de Sevilla.

Tour Virtual Museu Pedagógico José Pedro Varela:  
<https://uruguayeduca.anep.edu.uy/recursos-educativos/4504>

Tour Virtual Museu Pedagógico da Facultad de Ciencias de La Educación de la Universidad de Sevilla:  
<http://institucional.us.es/museopedagogia/839-2/>



## Cultura Material nas redes:

O Grupo de Pesquisa Objetos da Escola, da Universidade do Estado de Santa Catarina mantém uma interessante página no Facebook com postagens sobre o tema da cultura material escolar, confira em: [fb.com/s.e.culturamaterialescolar](https://www.facebook.com/s.e.culturamaterialescolar)

## Para ler mais sobre o tema:

"A Teia das Coisas" é um livro lançado em 2021 e traz a contribuição de textos elaborados por membros de diversos pesquisadores do Brasil que se debruçam sobre o tema da História da Educação e da Cultura Material Escolar. Podem acessá-lo gratuitamente aqui: [nepie.ufpr.br/e-book-a-teia-das-coisas-cultura-material-escolar-e-pesquisa-em-rede/](http://nepie.ufpr.br/e-book-a-teia-das-coisas-cultura-material-escolar-e-pesquisa-em-rede/)

## **Cultura Material e Cultura Escolar**

A ampliação do conceito de “documento”, marco da primeira geração da Escola dos Annales, suscitou uma série de inovações no campo dos estudos históricos. Uma destas foi o reconhecimento da validade e da especificidade das fontes relacionadas à materialidade da experiência humana, isto é, às expressões da cultura material - seja através de artefatos, ferramentas, construções, alterações humanas na natureza, etc. - para a pesquisa histórica. O termo “cultura material” é, por si só, multidisciplinar, pois dialoga diretamente com a antropologia e a arqueologia. Portanto, o uso da cultura material como fonte para a história exige que este diálogo esteja presente, visto que há desafios teóricos e metodológicos específicos na pesquisa sobre este “novo” tipo de documentação (VIDAL, 2017, p. 251-256).

A escola é uma das instituições culturais de maior impacto no mundo moder-no. Desta forma, a História da Educação tem dado especial atenção ao campo de estudos sobre Cultura Escolar, que, segundo Julia (2012, p. 12), abarca:

[um] conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Com isso:

[a]pesar das nuances nos modos de operar com o conceito, a materialidade dos suportes da atividade escolar [...] impôs-se como parte da problemática da pesquisa histórica em educação, acompanhando a incorporação dos estudos em torno da cultura escolar (ALVES, 2010, p. 203).

Logo, cultura escolar e cultura material escolar se configuram como dois campos complementares da História da Educação, que se desdobram e dialogam com áreas congêneres como a História da Infância, História Oral, História da Indústria, História da Urbanização, etc. Certos pressupostos teóricos-metodológicos são, como já destacado, próprios destes campos. Iremos nos dedicar ao estudo de alguns destes no presente boletim. Se objetiva realizar uma apresentação breve, demonstrando a importância da cultura material e como ela pode ser utilizada como fonte para a História da Educação.

# Cultura Material Escolar

Em primeiro lugar, salientamos que os apontamentos realizados neste documento não pretendem restringir ou excluir outras abordagens teórico-metodológicas que, porventura, não tenham sido citadas. Pelo contrário, o que se advoga é pelo uso dialogado das metodologias, de acordo com o que as fontes exigem e possibilitam, buscando sempre enriquecer a análise crítica destes documentos.

Para Abreu Jr. (2005, p. 146), a cultura material escolar:

se manifesta vivamente pela concretude não só dos objetos, mas, também, das práticas empreendidas com esses (e através desses) objetos, que precisam ser investigados a partir desse suporte material, sem se deixar cair na tentação da interpretação objetiva, neutra, do que seria pretensamente a verdadeira natureza das atividades escolares.

Com isto, compreende-se a importância da cultura material enquanto fonte para a história da educação. Dado que a escola, principalmente após a implementação do princípio de que o acesso à educação deve ser universal, se converteu em uma instituição multifacetada, responsável desde a alfabetização pela educação sociocultural de um número cada vez maior de indivíduos por um período de anos também cada vez maior. Na materialidade, é possível observar essas dinâmicas escolares que, muitas vezes, “fogem” do papel.

Duas tradições historiográficas se sobressaem em relação às suas abordagens, isto é, à forma como entendem e estudam a cultura material. Na historiografia ibero-americana há o destaque da dimensão material do artefato, focando-se no uso pedagógico/educacional que determinado objeto possuía. O segundo enfoque entende a cultura material escolar como um produto industrial e bem de consumo e é de tradição italiana. Há vertentes que interpretam a cultura material escolar de outras formas, relacionando-a, por exemplo, à cultura do trabalho (ver VIDAL, 2017, p. 258-260).

Apesar das diferenças entre as abordagens, algumas dificuldades são comuns entre elas e, pode-se dizer, entre todas as áreas da História da Educação: a localização e o acesso às fontes. A materialidade, muitas vezes, possui o mesmo fim que os registros documentais da vida escolar, que são jogados fora pois não houve política de guarda que os preservasse ou foram considerados como patrimônio pessoal e ficaram à sorte das famílias terem reservado um espaço a eles. Nesse sentido, é compreensível e memorável o

esforço de especialistas da área que se dedicam à criação e manutenção de espaços de preservação da memória e da história escolar (VIDAL, 2017, p. 260-261).

Isto posto, como lidar com a cultura material enquanto fonte para a história da educação? O artigo “Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar” de Laerthe de Moraes Abreu Junior (2005) esclarece muitos pontos importantes quanto às perguntas, metodologias e conceitos que podem ser aplicadas ao estudo da memória da materialidade. Convém destacar as **três principais dimensões analíticas** deste campo: a materialidade, a tecnologia e a intencionalidade (ABREU Jr., 2005, p. 158).

A **materialidade** não está somente nos objetos físicos (carteira, quadro, caderno...) e nas descrições destes (carteira de madeira, quadro de giz, caderno com 150 páginas...). Se atendo ao conceito, há como considerar o(a) professor(a) ou mesmo a voz deste(a) como um objeto, pois numa pesquisa em que “os materiais ocupam o espaço central, deve-se entender a materialidade como uma dimensão [...] na qual se apontam direções e sentidos” (ABREU Jr., 2005, p. 159, grifos nossos). Portanto, se é o(a) professor(a) que dita o rumo da aula com a sua voz, esta pode ser encarada como materialidade. Isto demonstra como o conceito é flexível às problemáticas que a pesquisa esteja investigando e, também, abre um leque de possibilidades que fogem à definição mais comumente associada à cultura material.

A **tecnologia** refere-se à utilização dos materiais e envolve os conhecimentos, comportamentos e habilidades que são apreendidos, desenvolvidos e reproduzidos em sala de aula, ou seja, as práticas escolares. O conhecimento escolar é “uma aplicação de algo já conhecido” (ABREU Jr., 2005, p. 160). Os alunos não são avaliados por sua autonomia ou capacidade criativa e epistemológica, mas sim pelo quão bem dominam a técnica e conseguem compreender e reproduzir o conhecimento “já conhecido”. Dessa forma, estudar quais e como são feitas as práticas escolares, é uma forma de observar a dimensão tecnológica da materialidade - expressa, por exemplo, através de manuais e cadernos de atividades.

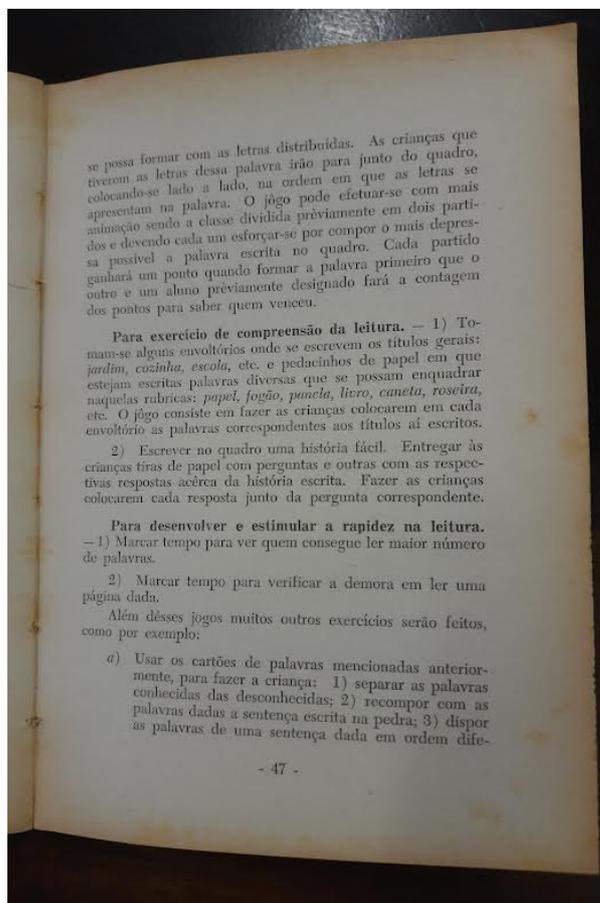
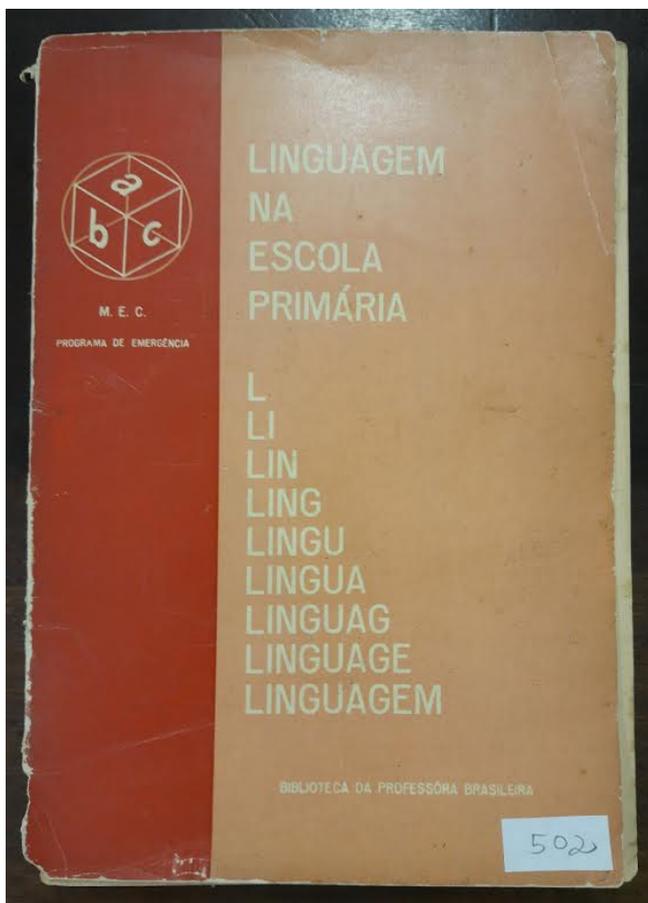


Foto I: Capa do manual para professores da educação básica proposto pelo Programa de Emergência do Ministério da Educação e Cultura de 1962 - Foto II: Proposta de atividade para o desenvolvimento de habilidades de leitura. Fonte: Acervo do CDPHE/UFPR.

Ponto importante para os estudos em História, mas que sempre merece ser destacado é o contexto da realidade de pesquisa. É através da análise deste que se é capaz de apreender a intencionalidade dos ensinamentos e práticas escolares. Afinal, as fontes não se explicam por si mesmas, pois fazem parte de uma dimensão social e histórica mais ampla e não podem ser compreendidas em sua totalidade sem levar em consideração este aspecto. É precisamente no aprofundamento sobre como as práticas escolares se encaixam no contexto histórico que é possível perceber a intencionalidade - inovação, reprodução, conservação, etc. Vale também o lembrete que mesmo o contexto não é algo dado, e sim uma construção que também é necessário historicizar e ter um posicionamento crítico sobre (ABREU Jr., 2005, p. 161).

Percebe-se que as possibilidades são muitas e, neste sentido, recomenda-se alguns caminhos para estudos na área de cultura material escolar. Lembrando que estes **indicadores metodológicos** são complementares entre si, pois, assim como as dimensões analíticas, é o(a) pesquisador(a) que separa estes elementos num

esforço de compreender o todo que se encontra conectado e emaranhado no contexto de pesquisa.

**I. O véu da banalidade:** Muitos dos objetos de estudo da cultura material, como dito anteriormente, sequer foram preservados pois eram peças do dia-a-dia, programadas para serem utilizadas apenas durante um período de tempo e, posteriormente, descartadas. Alguns destes materiais resistiram ao tempo e, por sorte, tornaram-se fontes que hoje são supervalorizadas. Porém, no contexto ao qual pertenciam, elas permaneciam sob o “véu da banalidade” e não costumam despertar muito interesse por parte do(a) pesquisador(a). É justamente aí que está o problema, quando a pesquisa não se debruça sobre estes “materiais corriqueiros”, pois almeja “uma verdade oculta que precisa ser desvelada” (ABREU Jr., 2016, p. 152), sem perceber que é, possivelmente, nos materiais que ignora que se encontra esta “verdade” que, na realidade, nunca precisou ser escondida. É necessário retirar o véu da banalidade destas fontes, pois elas nos desafiam a enxergar além do cotidiano, do corriqueiro, de algo que, por sempre estar ali, não se percebe mais (ABREU Jr., 2005, p. 150-152). O próximo indicador explica como fazer isso.



Fontaine (1917) de Marcel Duchamp. Foto: <<https://www.historiadasartes.com/salados-professores/fonte-marcel-duchamp/>>.

**II. O estranhamento:** A escultura *Fontaine* (1917) de Marcel Duchamp, exposta na página anterior, utiliza bem do princípio do estranhamento, a obra é um convite para afastar-se do senso comum, se distanciar de percepções próprias da realidade, como uma criança que viu o mundo e constantemente o questiona, num esforço de entendê-lo. É esta posição que deve ser assumida metodologicamente na abordagem da cultura material, precisamente daquela com a qual o(a) pesquisador(a) possui familiaridade, que é normalmente o caso da cultura material escolar (ABREU Jr., 2005, p. 152-154).

**III. A microhistória:** Tendo reconhecido as potencialidades das fontes e a importância de um olhar mais distanciado, ainda fica o questionamento: como lidar com estas fontes no processo de escrita da pesquisa? A proposta da microhistória é especialmente interessante para a cultura material pois reconhece a singularidade de cada uma das fontes e que elas “precisam ser vistas ‘a partir de dentro’, sob pena de serem arroladas com o intuito de corroborar certezas que prescindem delas próprias” (ABREU Jr., 2005, p. 147). Isto permite uma abordagem qualitativa dos materiais, se atendo mais aos detalhes durante a investigação, numa busca na particularidade por “um sentido que tenha um vínculo, uma significação para a totalidade” (ABREU Jr., 2005, p. 149). Sem essa metodologia, recorre-se ao perigo de, lembrando o primeiro indicador, passar os olhos sobre uma sala cheia e não perceber a relevância ou potencialidade dos materiais pois estão sob o “véu da banalidade”.

## Referências

ABREU Jr., L. de M. Apontamentos para uma metodologia em cultura material escolar. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 145-164, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643763>. Acesso em: 7 maio. 2021.

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios; VIDAL, Diana Gonçalves. Corpo e Matéria: Relações (im)previsíveis da cultura material escolar. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da (org.); SOUZA, Gizele de (org.); CASTRO, César Augusto. **Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória : EDUFES, p. 235-260, 2018. Disponível em: [http://repositorio.ufes.br:8080/bitstream/10/11346/1/Livro\\_CULTURA\\_MATERIAL\\_ESCOLAR\\_EM\\_PERSPECTIVA\\_HIST%C3%93RICA\\_%28Vers%C3%A3o\\_DIGITAL\\_-\\_FINAL%29%20%283%29.pdf#page=235](http://repositorio.ufes.br:8080/bitstream/10/11346/1/Livro_CULTURA_MATERIAL_ESCOLAR_EM_PERSPECTIVA_HIST%C3%93RICA_%28Vers%C3%A3o_DIGITAL_-_FINAL%29%20%283%29.pdf#page=235). Acesso em: 7 de maio de 2021.

ALVES, Claudia. Educação, memória e identidade dimensões imateriais da cultura material escolar. **Revista História da Educação**, vol. 14, núm. 30, janeiro-abril, 2010, pp. 101-125. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3216/321627137005.pdf>

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, 16 fev. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em: 7 de maio de 2021.

POULOT, Dominique. Uma nova história da cultura material?. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da (org.); SOUZA, Gizele de (org.); CASTRO, César Augusto. **Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória : EDUFES, p. 64-88, 2018. Disponível em: [http://repositorio.ufes.br:8080/bitstream/10/11346/1/Livro\\_CULTURA\\_MATERIAL\\_ESCOLAR\\_EM\\_PERSPECTIVA\\_HIST%C3%93RICA\\_%28Vers%C3%A3o\\_DIGITAL\\_-\\_FINAL%29%20%283%29.pdf#page=235](http://repositorio.ufes.br:8080/bitstream/10/11346/1/Livro_CULTURA_MATERIAL_ESCOLAR_EM_PERSPECTIVA_HIST%C3%93RICA_%28Vers%C3%A3o_DIGITAL_-_FINAL%29%20%283%29.pdf#page=235). Acesso em: 7 de maio de 2021 .

VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017.

# Equipe

## COORDENAÇÃO DO PROJETO

Nadia Gaiofatto Gonçalves (DTPEN-ED)

Andréa Bezerra Cordeiro (DEPLAE-ED)

## EQUIPE

Bruno Augusto Pedroso de Souza (História - Bolsista Fundação Araucária)

Carlos Wilson de Lima (Geografia)

Cezar Augusto Oliveira Camparim (História - Bolsista Fundação Araucária)

Emanuel Diogo Lima dos Santos (História - Bolsista Extensão)

Isabella Aparecida Pinto Lopes (História - Bolsista Extensão)

Luiz Felix Miguel Bouard (Pedagogia)

Moara Milléo Baracat de Siqueira (Pedagogia - Bolsista Extensão)

## CONTATO

E-mail: [historiadaeducacao@ufpr.br](mailto:historiadaeducacao@ufpr.br)

Nossas publicações, inclusive este boletim, estão disponíveis em:  
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacaoe-pesquisa-em-historia-da-educacao/publicacoes-do-cdphe/>

Diagramação: Bruno Augusto

